

MÉTODO SEM METODOLOGIA

Michael Marder

cadernos SELVAGEM

Método sem metodologia

Michael Marder

Este caderno traz a fala de Michael Marder, gravada em 20 de outubro de 2026, na casa-ateliê Tomie Ohtake, em São Paulo. A fala de Michael é o nono Recado Selvagem e pode ser acessada aqui.

Eu levo esta questão do método em termos do sentido original da palavra: um caminho. Método é um caminho. E é um caminho que tem que ser inventado a cada vez graças àquilo que nos fascina, capta a nossa atenção. Portanto, não há o método universal para pensar ou se aproximar a todas as coisas.

Cada objeto, cada ente, cada ser é um convite para reimaginar o método, para reinventar o caminho a este ser. E aqui eu não estou a falar sobre uma espontaneidade ou uma liberdade do sujeito que pensa, do pensador ou da pensadora, para simplesmente construir ou inventar a sua abordagem daquilo que está a ser pensado. O método, o caminho, pelo menos no meu caso, o que eu busco já é uma indicação ou uma série de indicações que eu recebo dos próprios seres sobre os quais eu penso e com quem eu penso. Principalmente as plantas. Não há um método universal para pensar sobre as plantas, para pensar com as plantas[1]. Além disso, a planta é um convite para uma conversa infinita, para um pensamento com ela, com o entorno, com o mundo, com os elementos que ela articula.

Então, de uma forma geral, eu diria que este método informal, este caminho, ou múltiplos caminhos a serem procurados cada vez de novo, segue a metodologia fenomenológica, seja a metodologia no seu sentido mais minimalista, que simplesmente nos chama para voltar às coisas deste mundo, para não projetar as ideias já pré-feitas, pré-fabricadas que temos nas nossas cabeças, mas, em vez disso, buscar as indicações, as

1. O livro de Michael *Pensar-planta: uma filosofia da vida vegetal*, publicado nos Estados Unidos em 2013, conta com sua primeira edição brasileira publicada em 2026 pela Editora Alto, vinculada ao Instituto Alto, com tradução de Jelson Oliveira e Grégori de Souza.

pequenas diferenças, os pequenos signos das coisas, dos entes sobre os quais e com quais estamos pensando.

Nesse sentido, eu não estou a seguir o método cartesiano. Descartes, no início da modernidade europeia, diz que temos que esquecer tudo o que conhecemos sobre o mundo. O Descartes fecha-se no seu escritório, ao pé da fogueira, e reinventa, repensa toda a existência, à base deste espaço fechado. Ele não toma em conta este isolamento que ele está escolhendo para a refundação da filosofia. Aquele método informal, o método sem metodologia ao qual eu estou a apelar, é exatamente o contrário daquilo que o Descartes está a fazer. É uma abertura, uma abertura quase incondicional ao mundo. E um processo da busca sem fim que recebe várias indicações deste mundo para reaprender a pensar a cada vez que pensamos. Então, não há regras formais do pensamento. A cada vez, o pensamento é convidado, é convocado por aquilo que estamos a pensar, por aqueles que estão a pensar sempre conosco.

Em primeiro lugar, se calhar, temos que reconhecer este convite, este apelo do mundo. Não é uma atividade voluntarística e puramente ativa do pensador, da pensadora, mas, em primeiro lugar, há que receber, há que aprender a ouvir esta chamada para o pensamento, a chamada que surge, que emerge fora de nós. Então, eu até diria que é um primeiro fascínio, o fascínio que a criança sente a cada vez que encontra o mundo pela primeira vez. E, para mim, a filosofia é isso: é o fascínio que sempre renasce, que é sempre novo no encontro com o mundo, apesar de parecer que o mundo é completamente conhecido, que não há nada para encontrar de novo. Mas este método radical, método sem metodologia, é um convite também para reencontrar o mundo como se fosse pela primeira vez, para reativar esta atitude quase infantil de uma criança que está nesta maravilha da realidade e está encontrando-a pela primeira vez.

Podemos também pensar sobre isso em relação aos textos. Podemos ler um livro 20, 30 vezes, mas reencontrar este texto como se fosse pela primeira vez. E, se calhar, é isso que é uma tarefa também da interpretação dos textos: é devolver ao texto a sua condição de nunca ter sido lido, apesar de toda a história de recepção. Eu falo também sobre textos muito antigos, textos como do Platão, por exemplo, na tradição

ocidental, textos comentados ao longo dos séculos com história enorme de exegese, ou de interpretação. Mesmo esses textos podem fazer este apelo para nós de tal forma que os encontramos também pela primeira vez. Tentamos devolver esta frescura a um encontro com o texto, esta sensação do primeiro encontro com aquilo que parece ser completamente conhecido, comum.

Eu falei um bocadinho sobre as plantas, que são um foco do meu pensamento muitas das vezes, mas, além das plantas, também há várias outras coisas, fenômenos, que normalmente desconsideramos, não tomamos em sério nem na nossa vida cotidiana, nem na atividade mais acadêmica, como, por exemplo, a poeira. A poeira é uma coisa que… Há uma luta constante contra a poeira, a sua acumulação em casa. Mas o que acontece quando olhamos com este olhar fresco, como se fosse pela primeira vez, a uma coisa tão comum, e tão despreciada como a poeira, não?

Para mim, esta foi a pergunta que levantei há mais de dez anos e, aliás, com a ajuda de uma grande escritora brasileira, uma paixão intelectual de toda a minha vida: a Clarice Lispector. A Clarice diz que a poeira é uma filha das coisas[2]. Com esta genealogia genial que ela inventa, que ela sugere, já se abre todo um mundo de um novo método, um novo caminho até a poeira. Até a poeira que está por volta de nós, a poeira que somos também, a poeira que éramos e que vamos ser, junto com todo o mundo[3].

Então, é só para dar um pequeno exemplo aqui de um caminho sempre inesperado, sempre surpreendente, que nos pode levar a esta maravilha do encontro com o mundo. O encontro, a sensação do pensamento, não é uma abstração, não é uma formalização, mas faz parte deste caminho de abrir-se melhor e mais para este mundo, para receber as ensenhanças e a sabedoria que ele contém. Sem nunca esgotar, claro, essa sabedoria, essas ensenhanças, porque não são um recurso, são

---

2. O trecho citado por Michael é do livro *Um sopro de vida* (Editora Nova Fronteira, 1978), de Clarice Lispector, e diz: "Hoje varri o terraço das plantas. Como é bom mexer nas coisas deste mundo: nas folhas secas, no pólen das coisas (a poeira é filha das coisas). Meu cotidiano é muito enfeitado. Estou sendo profundamente feliz."

3. No vídeo *What is dust made of?* [Do que a poeira é feita?, publicado no canal de Youtube Ted-Ed, Michael traça um caminho surpreendente a partir e com a poeira.

como uma atmosfera, como o meio da vida, que nos permite existir e continuar a existir no futuro.

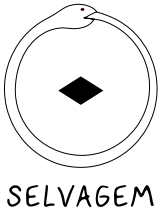
Então, obrigado.

Michael Marder

Michael Marder é professor sênior de filosofia da Ikerbasque, fundação basca para a ciência, no campus de Vitoria-Gasteiz na universidade basca Euskal Herriko Unibertsitatea. Seu trabalho se estende pelos campos de filosofia ambiental e pensamento ecológico, teoria política e fenomenologia. Michael é autor de vários livros, como *Plant-Thinking: A Philosophy of Vegetal Life* (Columbia University Press, 2013), publicado no Brasil com o título *Pensar-planta: uma filosofia da vida vegetal* (Editora Alto, 2026), e *Pyropolitics: Fire and the Political* (Ibidem Press, 2025). Michael vive entre o território basco e Portugal e pensa com as plantas. Saiba mais em: https://www.michaelmarder.org/.

Fotos
Elisa Mendes

Agradecimentos:
Instituto Alto, casa-ateliê Tomie Ohtake,
Elisa Mendes, Hermano Vianna, Daniela Ruiz.







Tudo que Selvagem cria é para ser compartilhado gratuitamente. Você pode usar livremente esse material, em parte ou na íntegra, desde que dê créditos à Associação Selvagem e mantenha o acesso gratuito. Para permissões adicionais, escreva para contato@selvagemciclo.org.br.

Gostamos muito de acompanhar a circulação dos materiais Selvagem pelo mundo e, por isso, ao usar esse material de alguma forma, convidamos a compartilhar registros pelo e-mail acima.

Nossas ações também se direcionam para apoiar as Escolas Vivas, centros indígenas de transmissão de conhecimentos tradicionais, garantindo o repasse de recursos financeiros mensalmente a cada Escola Viva e criando ações em conjunto.

Todo esse movimento contribui para outros caminhos de educação, imaginando posturas regenerativas e não destrutivas de estar no mundo.

Os Cadernos Selvagem são feitos pela equipe Selvagem. Este caderno e muitos outros estão disponíveis no site Selvagem em português e em várias outras línguas. Mais informações em selvagemciclo.org.br.

Você pode apoiar a Selvagem seguindo nosso Instagram e nosso Youtube, acompanhando nosso site e compartilhando nossos materiais. Para colaborar de outras maneiras, entre em contato com a gente.

Agradecemos!

Cadernos SELVAGEM
publicação digital da
Dantes Editora
Biosfera, 2026
ISBN 978-65-6271-194-3